

## **VARADOURO: (I)MA(R)GENS DE RESISTÊNCIA EM ANOS DE DITADURA MILITAR NA CIDADE DE RIO BRANCO- AC**

*Jefferson Henrique Cidreira\**

### **RESUMO**

Neste artigo, pretendemos fazer um estudo em torno do jornal *Varadouro* no Estado do Acre; precisamente como um elemento de resistência contra os discursos e a política dos governantes militares e estaduais. Foi através dos discursos de resistência que passou a vincular uma (re)apresentação de uma nova realidade conflituosa no Acre. Para tal estudo, utilizaremos como aporte teórico/metodológico as pesquisas de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin; além de *charges*, que nos permitirão fazermos um estudo conciso sobre este jornal no Acre, possibilitando evidenciarmos o seu uso como meio resistência às oligarquias e governantes acreanos, nomeados pela ditadura militar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso oficial, jornal *Varadouro*, Discursos de resistência.

### **1. INTRODUÇÃO**

Neste artigo, propomos mostrar os discursos de resistência emanados no jornal *Varadouro*, fazendo uma breve análise sobre os discursos vinculados pelos chefes políticos no Acre, trazendo seus desejos de “progresso”, de desenvolvimento do Acre com o novo elemento ou segmento político e econômico adotado pelos governos militar e estadual, que resultou no processo de pecuarização do Acre.

---

\* Mestre em Letras: Cultura e Sociedade, pela Universidade Federal do Acre; [jjeffersonhenrique@hotmail.com](mailto:jjeffersonhenrique@hotmail.com)

Procuramos mostrar como os governos utilizaram as mídias para o discurso ideológico, principalmente o governo Wanderley Dantas, período em que se intensificou a pecuária no Acre, de 1971 a 1975. Além do uso de órgãos do governo como o BANACRE, a Polícia, etc., para o financiamento aos “paulistas”<sup>1</sup>; auxílio para expulsar os colonos, índios e seringueiros de suas terras, a violência, o desmatamento desenfreado e os conflitos que se iniciaram e se intensificaram entre esses atores sociais nesse momento. E como esses episódios da História acreana desencadearam gritos de liberdade, de resistência, por parte da população mais “pobre”, da população afetada pelos conflitos e daqueles que eram contra os “paulistas” e a política adotada pelos governantes acreanos, fazendo emergir discursos populares, de resistência, em destaque, no jornal *Varadouro*.

## **2. Contradiscursos: emergem discursos de resistência no jornal *Varadouro***

Iniciamos este tópico com uma indagação: como articular as discussões sobre as mídias, dentre elas o jornal *Varadouro*, produzidas entre os anos 1971 e 1981? Ideologicamente, seguindo o pensamento bakhtiniano, todos dialogam tendo em vista a elaboração de resistência a um poder estabelecido. Embora expressos através de linguagens distintas, o *Varadouro* combate através da informação aos leitores – e com a utilização de *charges*, a corrupção na sociedade. Fazendo críticas ferrenhas à invasão dos “sulistas” ou “paulistas”, e o conseqüente “deslocamento” violento dos habitantes das florestas amazônicas, resultando em violências diversas – influenciado pelo pensamento libertário da Teologia da Libertação, em menor ou maior escala.

---

<sup>1</sup> Cabe aqui evidenciarmos que essa terminologia está inserida em um debate da historiografia acreana, que em si mesmo, não é foco do nosso trabalho, porém, achamos importante fazermos essa marcação a título de esclarecermos que há um debate, uma discussão ao significado do termo “paulista” ou “sulista” que, correntemente, é/foi utilizado pela população acreana e por vários pesquisadores, como sendo uma referência à visão do povo acreano. Ou ainda, como uma simples forma de designar um conjunto genérico de mudanças sócio-econômicas no Acre.

Logo, esse meio de comunicação ganhou contornos de resistências aos discursos proferidos pelos governos Federal e Estadual, de 1977 a 1981. O jornal nasceu no ano de 1977 por iniciativa da Igreja Católica do Acre. No entanto, merece destaque a existência do boletim *Nós Irmãos* que antecedeu ao jornal *Varadouro*. Há que se evidenciar, segundo Costa Sobrinho (2000), que a Igreja Católica, na figura da Prelazia do Acre e Purus financiou a fundação do jornal *Varadouro* com o intuito de “desmascarar”, de denunciar a realidade imposta pela classe dominante aos mais “pobres”: seringueiros, índios e colonos.

É relevante verificar aqui o papel que a igreja desenvolve: ao mesmo tempo em que se preocupa com a “cura” espiritual dos fiéis, trata de estabelecer um “canal” de reflexão e esclarecimento das consciências em relação à classe dominante. Segundo Foucault, em seu livro *Microfísica do Poder* (1979), o exemplo aqui referido mostra que todo saber assegura o exercício de um poder.

De acordo com Costa Sobrinho (2000), A Prelazia do Acre e Purus pregava a Teologia da Libertação, uma corrente marxista na igreja, que tinha como escolha a defesa aos pobres, povo anegado pelo novo segmento ou elemento político e econômico adotado pelo governo acreano no início da década de 1970: a pecuária. E esse povo anegado teve sua mobilização e representação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs<sup>2</sup>):

Surgiu (a idéia de fundar o jornal) em decorrência do momento que o Acre vivia. No começo dos anos 70, a revoada de jacus chegando. A imprensa aqui era “*O Rio Branco*” feito com notícias que eram mandadas pela elite, não tinha repórter. Não havia preocupação de ver o que acontecia no Estado. Estava acontecendo muita coisa que só veio aparecer com o *Varadouro*. Era como se não tivesse conflito aqui. Mas já havia expulsão, desmatamento, desde o comecinho dos anos setenta. Em 75 foi que a gente começou atuar aqui, quando se

---

<sup>2</sup>Comunidades Eclesiais de Base, grupo iniciado a partir da experiência da Igreja católica, entre o entendimento do Bispo D. Giocondo Grotti e o Padre Manuel Pacífico, na cidade de Rio Branco e distrito Quinari, na década de 1970. Indicamos, ainda, a título de aprofundamento e maior esclarecimento sobre as CEBs no Acre, a dissertação de autoria de Nilson Moura Leite Mourão, intitulada **A prática educativa das CEBs: popular e transformadora ou clerical e conservadora?** São Paulo: PUC-SP, 1988.

formavam grupos da igreja, da universidade, e o grupo que queria o jornal<sup>3</sup>.

Dessa forma, observamos o caráter de oposição que o jornal trazia em sua origem, uma forma “escancarada” e determinante de se opor aos grandes fazendeiros, ao governo e as oligarquias acreanas, de denunciar os conflitos pela posse de terra, o desmatamento, a expulsão dos “povos da floresta”, enfim, fazer uma nova representação da realidade acreana, “rejeitada” pelos demais meios de comunicação, em destaque o jornal *O Rio Branco*.

Segundo Portela (2009), o *Varadouro* trouxe consigo uma maneira nova de representação, não no prisma da classe dominante em vigor, das oligarquias locais e dos mais “poderosos”, mas sim no prisma daqueles que eram “excluídos”, “desterrados” dos interesses sociais do Estado do Acre: os seringueiros, índios e colonos (PORTELA, 2009).

A partir deste ponto de nosso trabalho trazemos algumas *charges* que tematizam a relação assimétrica entre os “poderosos” e os “excluídos”. O que é a *charge*? Segundo Cagnin, “[é um] desenho que se refere a fatos acontecidos em que agem pessoas reais, em geral conhecidas, com o propósito de denunciar, criticar e satirizar” (CAGNIN, s/d, s/n), tem fundamento nas relações de poder estabelecidas em determinada sociedade. Em nosso trabalho apresentamos algumas *charges* que tratam do contexto histórico e social em que o Acre estava imerso no período compreendido entre os anos 1971 e 1981.

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida pelo jornalista Elson Martins a Michelle da Costa Portela, Rio Branco, 24/06/2006, em decorrência da produção de sua dissertação de mestrado intitulada **Varadouro – um Jornal das Selvas: um estudo sobre a vida no alternativo**. Manaus, 2009.



Figura 1: Charge retirada do jornal *Varadouro*, março de 1980, nº 18, p. 14.

Na charge retirada do jornal *Varadouro* (figura 1) verificamos uma forma de representação dos maus tratos e das humilhações sofridas pelos índios acreanos, vistos como escravos, como intrusos que se infiltraram num lugar que a eles não pertencia: a cidade. Importa verificar aqui, na acepção bakhtiniana, que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (BAKHTIN, 1995, p. 106). Logo, verifica-se que o jornal *Varadouro* através de suas manchetes, figuras, e charges, utiliza-se dessa linguagem para mostrar a realidade de acordo com a visão ideológica de seus redatores e produtores.

Entretanto, esses mesmos índios foram expulsos do seu espaço, do seu lugar, tanto pelos seringalistas no final do século XIX e início do século XX, quanto pelos pecuaristas na década de 1970, quando, não foram feitos “trabalhadores” nesses sistemas econômicos que vigoraram no Acre. A charge

acima destacada denuncia as desigualdades sociais vigentes que, conforme Dominguez (falando em outro contexto),

As charges permitem uma visão de um tempo, as indignações, ameaças, riscos e esperanças desse tempo. Elas não são unívocas ou caminham nas mesmas direções: apontam a existência de fatos, diálogos, estratégias, interesses e lutas em uma dada conjuntura. Se não interferem diretamente sobre os eventos observados e as ações humanas, ao menos comentam esses eventos e ações (DOMINGUEZ, 2012, p. 67).

Num período em que os conflitos sociais por domínio de terras, por um novo elemento político e econômico e, conseqüentemente, uma “nova” classe emergente que vigorava no Acre, as oligarquias agropecuárias, que entram em cena, nesse palco de conflitos cheios de interesses comuns (o monopólio das terras acreanas e o enriquecimento fácil), que o jornal *Varadouro* passa a assumir esse papel de produzir contra discursos, discursos de resistência contra outras mídias controladas pelo governo, que vinculavam os seus interesses e desejos.

Via-se o uso dos meios de comunicação existentes no Estado, antes do boletim *Nós Irmãos* e do jornal *Varadouro*, a favor dos mais ricos, noticiando seus interesses e o ideal de “progresso” para o Acre. Entretanto, segundo Portela (2009) e Costa Sobrinho (2000), foi com a chegada do *Varadouro* que, começou a noticiar, a confrontar as outras mídias de propriedade das oligarquias acreanas, a mostrar outra representação da realidade, com a expulsão dos seringueiros e índios de suas terras e a pobreza que se consolidava no Acre. Esse foi o papel que o *Varadouro* inseriu naquele momento, conforme podemos observar na carta de apresentação aos seus leitores, abaixo destacada:

Este modo de encarar a realidade permite inclusive que cultivemos alguns propósitos e ambições, *Varadouro*, como o nome sugere, propõe-se contar o momento histórico atual do Acre e de sua gente. No auge das ‘folias do látex’, que aconteceram nesta parte da Amazônia Ocidental, existiram dezenas de jornais. O Acre, atualmente, restringindo uma expressão do nosso amigo e

entrevistado Márcio Souza, recebe uma segunda “patada” histórica e reclama da consciência do jornalista o registro dos fatos, mas principalmente das conseqüências desse processo. *Varadouro* é, pois, um dever de consciência de quem acredita no papel do jornalista. É propositadamente feito aqui na ‘terra’. Sai, portanto, de uma forma rude, ‘cabocla,’ sem técnica, cheio de limitações e gerado pela necessidade de colocar em discussão os problemas de nossa região, do nosso tempo e, principalmente, de nossa gente [...] achamos que vale a pena assumi-la, porque acreditamos que o homem acreano e o da Amazônia em geral merecem muito mais do que simplesmente o ‘berro do boi’ [...]”<sup>4</sup>.

O *Varadouro* surge, portanto, como instrumento que instituiu ao povo o debate sobre um novo segmento político e econômico no Estado, política adotada pelos governantes em relação à terra e com a introdução ampla da pecuária, que tão longe passou daqueles discursos de desenvolvimento e “progresso” que traria. Pelo contrário, trouxe a opressão, a violência, o caos para o povo acreano, em destaque, seringueiros, colonos e índios.



Figura 2: Charge extraída do jornal *Varadouro*, maio de 1980, nº 19, p. 1.

<sup>4</sup> Jornal *Varadouro*, maio de 1977, nº 1, p. 2.

A *charge* (figura 2) elabora a representação do processo de pecuarização e os interesses inescrupulosos dos grandes empresários vindos do centro-sul do país, que resultou na expulsão dos colonos, índios e seringueiros de suas terras para a cidade, aumentando os índices de precarização de vida. O chargista utiliza expressões de forma bombástica chamando a atenção do leitor para o surgimento de uma classe dominante, formada agora pelos “coronéis” da agropecuária. Daí certo tom panfletário marcado nos corpos das vacas: “Cia novos Coronéis”; “Exploradora 100 Escrúpulos” e “Usurpadores Reunidos”.

Isto comprova, na acepção bakhtiniana, que as *charges* aqui destacadas atuam como “signos [que] só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (BAKHTIN, 1995, p. 34), aqui no caso, a sociedade.

Essa estratégia discursiva coaduna-se com os interesses do jornal *Varadouro* em combater essa “desinformação” dos demais jornais locais, conforme afirma Portela (2009):

A argumentação de fundação do *Varadouro* elucidada que, estes jornais, integrantes de grupos comerciais amplos e normalmente com investimentos em pecuária, cumpriam o papel de encenadores da realidade social e política, internos e externos, do Acre e acabavam por deformá-la. A visão de Acre que ofereciam era polida, conforme o interesse de uma classe social, fabricando coletivamente representações sociais que, mesmo estando afastadas da realidade, perduravam (PORTELA, 2009, p. 30).

Dessa forma, o *Varadouro* veio denunciar a opressão, o “derramamento de sangue” em que o Acre estava imerso, a favor dos mais humildes, contra os mais “ricos” que contavam com a colaboração dos meios de comunicação. Veio ser o lugar, a voz de um discurso popular, discurso de resistência, como o próprio redator do jornal afirmou em entrevista:

O jornal tinha a função e o dever moral, porque era para isso que ele existia, de denunciar os crimes praticados contra os seringueiros, os índios, os agricultores, de um modo geral, das pessoas que sempre moraram na floresta e que naquele momento enfrentavam uma



violência nunca antes vista, nunca imaginada por eles. Um homem da floresta era capaz de enfrentar uma onça, mas a agressão que ele sofria por parte dos fazendeiros era tão indigna que ele não resistia à humilhação. No *Varadouro* fizemos a opção por apoiar essas pessoas, que nós respeitávamos profundamente, na resistência iniciada a partir da influência da Igreja e da Conab. O *Varadouro* era a voz dessa resistência e, com o tempo, passou a ser instrumento de luta do movimento social<sup>5</sup>.



**Figura 3: Charge retirada do jornal *Varadouro*, setembro de 1978, nº 12, p. 7.**

A charge apresentada na figura 3 elabora uma representação crítica da justiça no Brasil. Nela uma mulher com os olhos vendados simboliza a desigualdade da justiça no Acre. A balança que ela porta na mão direita pesa

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida pelo jornalista Elson Martins a Michelle da Costa Portela, Rio Branco, 24/06/2006, em decorrência da produção de sua dissertação de mestrado intitulada **Varadouro – um Jornal das Selvas: um estudo sobre a vida no alternativo**. Manaus, 2009.

mais para o lado de quem tem dinheiro, das elites oligárquicas do Estado do Acre. Notamos ainda que a venda da justiça está tapando somente um olho, ou seja, que a justiça está olhando, quando julga, a favor dos grandes fazendeiros, da elite no Acre. Gesto significativo, ele serve para comprovar conforme nos diz Mikhail Bakhtin, que “nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente” (BAKHTIN, 1995, p. 38), ou imageticamente.

Já na entrevista de Elson Martins, um dos redatores do jornal *Varadouro*, verificamos o conteúdo marcadamente ideológico assumido, que colocava-se na defesa dos povos anegados e na condição de resistência ao poder das elites instituídas no Estado.

Nesse sentido é que o *Varadouro*, também conhecido como *Jornal das Selvas*, foi atuante num período de cinco anos no Estado do Acre, de maio de 1977 a dezembro de 1981, tendo vinte e quatro edições publicadas. Tornou-se logo um instrumento de resistência através de seus discursos populares, seus contra discursos, discursos estes que iam de encontro aos discursos pregados pela classe dominante, os “ricos” empresários e os “chefes” políticos. Como podemos notar nos títulos das principais manchetes contidos nas capas dos jornais, abordando a violência, a questão indígena, a crítica aos governantes, a corrupção, a questão ambiental, lutas pela posse da terra, a expulsão dos seringueiros, colonos e índios de suas terras pelos “novos donos do Acre”, o auxílio de órgãos do governo, como a polícia aos grandes empresários do centro-sul do país, entre outros temas:

Edição nº 1- maio de 1977 “Índios do Acre”.

Edição nº 2- junho de 1977 “O Acre nos jornais velhos...”.

Edição nº 3- agosto de 1977 “Terra, a briga para ser dono”.

Edição nº 4- setembro de 1977 “Centenário de migração nordestina para o Acre”.

Edição nº 5- novembro de 1977 “Caeté, onde se vive apenas 20 anos”.

Edição nº 6- dezembro de 1977 “Prostituição – Acre”.

Edição nº 7- fevereiro de 1978 “Nóis queria um governador que olhasse pra nossa miséria”.

Edição nº 8- março de 1978 “Amazônia ameaçada”.

Edição nº 9- maio de 1978 “Índio sabe falar sim.”

Edição nº 10- junho de 1978 “Trabalhadores, se a gente se unir numa boca só”.

Edição nº 11- agosto de 1978 “Lavadeiras: as patroas vão ter de pagar mais”.

Edição nº 12- setembro de 1978 “A quem serve a justiça acreana”.

Edição nº 13- dezembro de 1978 “MDB ganha mas não leva”.

Edição nº 14- março de 1979 “O Acre corre sérios riscos”.

Edição nº 15- junho de 1979 “Os seringueiros precisam gritar bem alto e todos juntos”.

Edição nº 16- outubro de 1979 “O grande mutirão contra a jagunçada”.

Edição nº 17- dezembro de 1979 “Um retrato do Acre”.

Edição nº 18- março de 1980 “Violência está aumentando no Acre”.

Edição nº 19- maio de 1980 “Os novos donos do Acre”.

Edição nº 20- abril de 1981 “Bairro João Eduardo”.

Edição nº 21- maio de 1981 “Panela no fogo, barriga vazia”.

Edição nº 22- junho/julho de 1981 “Seringueiro defende seu chão”.

Edição nº 23- agosto/setembro de 1981 “Onde há terra para viver?”.

Edição nº 24- dezembro de 1981 “Maconha: ilusão ou busca”.



Figura 4: *Charge* retirada do jornal *Varadouro*, maio de 1980, nº 19, p. 10.

A *charge* na figura 4 além de fazer uma representação crítica dos processos de corrupção que vigoravam no período, elabora a denúncia ao uso de setores do governo e a corrupção instaurada por funcionários, nesse caso, por parte do BANACRE (Banco do Acre) e seus funcionários, que financiavam, facilitavam o crédito aos “paulistas” no Acre.

Em algumas de suas manchetes e *charges* espalhadas pelas vinte e quatro edições, podemos notar claramente os discursos de resistência que ecoavam dentro do jornal, que iam ao embate com os discursos das oligarquias acreanas, denunciando a violência, a exploração, tornando o invisível em visível, ou seja, segundo Portela (2009), trazendo uma amostragem da realidade acreana não vinculada, não revelada pelos demais meios de comunicação, que eram controlados pela classe dominante no poder, numa clara demonstração de que “cada época e cada grupo social têm seu repertório

de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” (BAKHTIN, 1995, p. 43), como nos esclarece Bakhtin.



Figura 5: *Charge* retirada do jornal *Varadouro*, dezembro de 1979, nº 17, p. 19.

A *charge* constante na figura 5 destaca ao modo de representação um importante organismo repressor do Estado: a polícia. Nela a polícia com toda a sua violência ataca aparentemente sem razão, um homem de bolsos vazios e descalços, símbolo da pobreza, ao invés de atacar e punir os sujeitos envolvidos nos atos de corrupção que grassavam no interior do próprio governo.

A *charge* em destaque nos leva a crer, como diz Althusser, que o papel do aparelho repressivo do Estado “consiste essencialmente, como aparelho repressivo, em garantir pela força (física ou não) as condições políticas da reprodução das relações de produção, que são em última instância relações de exploração” (ALTHUSSER, 1985, p. 74).

Na acepção acima destacada, percebemos que o jornal *Varadouro* cumpriu o seu papel de resistência, de vinculação dos discursos populares, mostrando uma nova representação da realidade da região, os problemas sociais causados pela pecuarização no Estado do Acre e desmascarando os discursos dos governantes, mostrando que o tão sonhado desenvolvimento e “progresso”, pregado pelos governantes, não passavam de delírios, e, na verdade, trouxeram o inverso: miséria, violência para um povo já tão sofrido, castigado. Porém, que soube reagir, abrir passagem e tornar-se assim notabilizado, visível, ganhando o direito de falar, de produzir seus discursos, de manifestá-los, ganhando o seu espaço.

### 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#### 3.1. Livros, dissertações, monografias e artigos:

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Carões, caras e caretas**: salão de humor e de outros humores. [S.l.: s.n.], [19--]. Mimeografado.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. **Meios alternativos de comunicação e movimentos sociais na Amazônia Ocidental (Acre: 1971-81)**. São Paulo: USP, 2000.

DAMASCENO, Aglaíze da Silva. **Charges de Garibaldi Brasil**: expressão lúdica do cotidiano enquanto leitura do contexto social. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil/ BOBGRAFF, 1996.

DOMINGUEZ, Bruno Camarinha. **Charges e Discurso**: Episódio da Febre Amarela. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação de Comunicação e informação Científica de Tecnologia em Saúde, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

ESTEVEVES, Benedita Maria Gomes. **Do “manso” ao Guardião da floresta.** Rio Branco: Edufac, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MACHADO, Tânia Mara Rezende. **Migrantes sulistas: caminhadas, aprendizados e a constituição de modos de vida na região acreana (1977-2000).** Pernambuco, UFPE, 2002.

MOURÃO, Nilson Moura Leite. **A prática educativa das CEBs: popular e transformadora ou clerical e conservadora?** São Paulo: PUC – SP, 1988.

PEREIRA, Mirlei Fanchini Vicente. **Uso do território e território usado no sudoeste da Amazônia:** Considerações a partir do sistema hidroviário. *In* I Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo / VIII Seminário de Pós-Graduação em geografia da UNESP, campus Rio Claro. Rio Claro: AGETEO, 2008.

PORTELA, Michelle da Costa. **Varadouro – Um jornal das selvas:** um estudo sobre a vida no alternativo. Manaus, 2009.

SANTANA, Marcílio Ribeiro. **Os “Imperadores do Acre”.** Uma história da recente expansão capitalista na Amazônia Ocidental: Contribuição à história da recente expansão capitalista na Amazônia. Brasília, UNB, 1988.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre.** Rio Branco: Editora M.M. Paim, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.). **15 textos de História da Amazônia.** Rio Branco, UFAC, 1998.

### **3.2- Publicações periódicas:**

#### **3.2.1- Artigos e/ou matéria de periódicos:**

Jornal **Varadouro**, Ano I – **n. 1** maio de 1977.

\_\_\_\_\_, Ano I – **n. 2** junho de 1977.

\_\_\_\_\_, Ano I – **n. 3** agosto de 1977.

\_\_\_\_\_, Ano I – **n. 4** setembro de 1977.

- \_\_\_\_\_, Ano I – **n. 5** novembro de 1977.
- \_\_\_\_\_, Ano I - **n. 6** dezembro de 1977.
- \_\_\_\_\_, Ano I- **n. 7** fevereiro de 1978.
- \_\_\_\_\_, Ano I- **n. 8** março de 1978.
- \_\_\_\_\_, Ano I- **n. 9** maio de 1978.
- \_\_\_\_\_, Ano I- **n. 10** junho de 1978.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 11** agosto de 1978.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 12** setembro de 1978.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 13** dezembro de 1978.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 14** março de 1979.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 15** junho de 1979.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 16** outubro de 1979.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 17** dezembro de 1979.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 18** março de 1980.
- \_\_\_\_\_, Ano II- **n. 19** maio de 1980.
- \_\_\_\_\_, Ano IV- **n. 20** abril de 1981.
- \_\_\_\_\_, Ano IV- **n. 21** maio de 1981.
- \_\_\_\_\_, Ano IV- **n. 22** junho/julho de 1981.
- \_\_\_\_\_, Ano IV- **n. 23** agosto/setembro de 1981.
- \_\_\_\_\_, Ano IV- **n. 24** dezembro de 1981.